

UMA AMBIGUIDADE TUCITEANA: A INTERCONEXÃO ENTRE O HUMANO E O INUMANO NO RELATO DOS SOFRIMENTOS DA GUERRA¹

Anderson Zalewski Vargas (zalewski.vargas@ufrgs.br)

RESUMO

Este artigo analisa uma passagem da obra tucidideana – o relato dos *pathemata* (sofrimentos) ocorridos ao mesmo tempo em que a guerra dividia a Hélade entre os partidários de Atenas e Esparta – que contradiz os juízos que fazem da *História da Guerra do Peloponeso* uma precursora da concepção moderna de história.

Palavras-chaves: Historiografia Antiga; Cosmologia Interconectante; Ambiguidade; Mito e Razão.

ABSTRACT

This paper analyses a section of the thucydidean work – the *pathemata* (sufferings) account that occurred at same time that the war divided the *Hellas* between the athenians and spartans supporters – that contradicts the view of *The History of the Peloponesian War* as a forerunner of the modern conception of history.

Keywords: Ancient Historiography; Interconnecting Cosmology, Ambiguity; Myth and Reason.

¹ Este artigo é capítulo de minha tese de doutorado com algumas alterações e adaptações. As obras de Heródoto e Tucídides são referenciadas, respectivamente, como: *Histórias* e *História*.

Compreendo melhor agora como eram inevitáveis as antigas versões mitológicas de tais catástrofes, e como são artificiais e contrários à índole de nosso entendimento espontâneo os hábitos recentes que a ciência nos ensina. Era simplesmente impossível para homens incultos considerar terremotos como outra coisa que não avisos ou retribuições sobrenaturais.

William James, On Some Mental Effects of the Earthquake²

Após renhido debate acadêmico, em fevereiro de 2015, um grupo de estudantes do Departamento de História Clássica e Antiga da Universidade de Exeter, Inglaterra, concluiu ser Tucídides, e não Heródoto, o historiador antigo mais próximo dos parâmetros modernos de busca da verdade³. Não é opinião a ser explicada pelo caráter discente dos participantes da discussão. Livros, artigos de revistas acadêmicas..... diversos artigos acessíveis pela internet apresentam juízos equivalentes ou aproximados⁴.

Neste artigo trato de uma pequena mas relevante passagem que tem sido um problema na classificação modernista da obra tucidideana, o relato dos sofrimentos (*pathemata*) ocorridos ao mesmo tempo em que a Hélade era devastada pela guerra entre atenienses, lacedemônios e respectivos aliados.

* * *

² A observação do filósofo resultou da análise dos depoimentos colhidos entre pessoas comuns que, como ele, experienciaram o grande terremoto que atingiu São Francisco(EUA) em 1906.

³ "CLASSICS SOCIETY DEBATE: THIS HOUSE BELIEVES THAT THUCYDIDES CAME CLOSER THAN HERODOTUS IN THE SEARCH FOR HISTORICAL TRUTH" - "Debate da Sociedade Clássica:Esta casa acredita que Tucídides se aproximou mais que Heródoto na busca pela verdade histórica". Esta é a chamada da página disponível em: <https://exeterclassics.wordpress.com/2015/02/28/classics-society-debate-this-house-believes-that-thucydides-came-closer-than-herodotus-in-the-search-for-historical-truth/>. Acesso em 02 mar. 2015.

⁴ A capacidade da obra tucidideana ser significativa no mundo contemporâneo pode ser constatada nesta passagem: "(...) um artigo de revista revela que Tucídides é leitura recomendada em academias militares norte-americanas pelos *insights* que proporciona sobre a guerra-fria: 'analistas [pós guerra-fria] estão agora olhando para o passado para interpretar o presente e compreender o futuro. A desvantagem de tal método é que hoje os governantes do mundo não têm um passado a sua disposição. Eles devem olhar para as nações que a tiveram [história], mesmo se elas mesmas a esqueceram. Tucídides torna-se moderno novamente.'" (YIANNOPOULOS e PANTELIS *apud* SUTTON, 1998, p. 130). Para uma história da recepção da *História*, ver a obra organizada por Christine Lee e Neville Morley (2015).

Salta aos olhos, na leitura do primeiro parágrafo de “A guerra dos peloponésios e atenienses” (431-404 AEC)⁵, de Tucídides (c.460-400), o desejo de individualização do relato pela caracterização do conflito como evento incomparável na escala de humana de conflitos bélicos. Trata-se do que Francisco Murari Pires (1999) definiu como sendo o “princípio axiológico”, organizador tanto da obra de Tucídides quanto das *Histórias* de Heródoto:

Tucídides de Atenas escreveu a guerra dos peloponésios e atenienses⁶, como a fizeram uns contra os outros. Começou a narração logo a partir da eclosão da guerra, tendo prognosticado que ela haveria de ganhar grandes proporções e que seria mais digna de menção de que as já travadas, porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um lado e outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto. [2] Esta comoção foi a maior para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se mesmo dizer, atingiu a maior parte da humanidade (1.1-2).⁷

É convenção herdada da epopeia pela historiografia nascente o prólogo em que são expostos “os tópicos declarativos” de identidade de registros narrativos do passado (PIRES, 1999, p. 147). No entanto, ao contrário da invocação das Musas, como em Homero⁸ e Hesíodo(VIII)⁹, Tucídides primeiro apresenta seu nome, particularizado pelo seu local de nascimento, como sendo o sujeito individual da “memória narrativa” que segue. O mesmo teria feito Hecateu de Mileto (c.550-476) e o mesmo fez Heródoto de Túrios (c.485-420), demarcando a esfera de autonomia humana na produção deste novo gênero de narrativa (PIRES,

⁵ Salvo observação em contrário, todas as datas são anteriores a “Era Comum”.

⁶ A designação “Guerra do Peloponeso” é encontrada pela primeira vez em Marco Túlio Cícero (106-43) (*Peloponnesiacum bellum*, REPÚBLICA, III.32) e, posteriormente, em Diodoro Sícolo, historiador siciliano do séc. I (XII.37.2) (CM *ad* I.1). Esta forma de referência -“CM *ad* I.1”, inexistente nas normas brasileiras, remete ao comentário de Charles Morris (1891) sobre a passagem I.1 da obra tucidideana. Outros comentários são assim referenciados no restante deste artigo. Ao final, estão as abreviaturas.

⁷ Tradução de Anna Lia Prado. Os destaques, aqui e no restante do texto, são meus. Citações sem indicação de tradutor são minhas.

⁸ “A ira canta, Deusa, de Aquiles Pelfade...” (HOMERO. *Ilíada*, I.1); “Do varão narra, Musa, do muitas-vias, que muito vagou após devastar a sacra cidade de Troia.”(HOMERO. *Odisséia*, I.1)

⁹ “Pel as Musas heliconíades começemos a cantar...” (HESÍODO. *Teogonia*, 1)

1999, p.205-233)¹⁰. Imediatamente após sua auto-referenciação autoral, Tucídides informa ter começado a *escrever a guerra*¹¹ quando da sua eclosão, tendo prognosticado que teria grandes proporções e que seria mais digna de registro que as precedentes. No início do prólogo de seu relato, portanto, Tucídides o legitima pela grandeza sem igual do fato guerreiro e, conseqüentemente, pela dignidade superlativa de seu registro em contraposição àqueles do mesmo gênero até então ocorridos – são estes os primeiros critérios de seletividade da narrativa. Não se tratava do acme da história humana, mas de uma guerra distinguida pela sua importância superlativa em comparação com todos os conflitos militares do passado. G.E.R Lloyd¹², citado por Hornblower (SH¹ ad I.1.1), crê ser tal tipo de ousada afirmação uma influência dos hábitos retóricos competitivos dos tribunais de justiça e das assembleias políticas atenienses, que teriam se espalhado para os prefácios de escritos médicos e historiográficos. Supõe-se também ter Tucídides se contraposto agonisticamente aos relatos das duas grandes guerras consagradas pela memória grega, oral e escrita. É o que pensa Moles, citado por Murari Pires (1999, p. 171-172):

Tucídides, por certos modos, está seguindo nas pegadas de Heródoto, bem como Heródoto, por certos modos, seguira nas de Homero. Mas a insistência tucidideana acerca da grandeza suprema de seu tema – seus superlativos tomam nossos ouvidos – implicitamente refuta Heródoto, justo como Heródoto refutara Homero.¹³

¹⁰ Tal fórmula inaugural não seria, como observou Gomme, seguida por Xenofonte, nem nas *Hellenika*, em que seu autor afirma retomar a narrativa a partir da última sentença de Tucídides, nem na *Anabasis*. Cf. AWG¹ ad I.1.

¹¹ A História não possui, em seu exórdio, nome individualizador do gênero de narrativa que inaugura. Heródoto faz uma *histories apodeixis*, uma “exposição pública” de sua inquirição (I.1); Tucídides *xunegrapse ton polemon*, “escreveu a guerra” (I.1). Apenas no século IV, em homenagem a Heródoto, as narrativas deste, de Tucídides e do que então será julgado congênere de um tipo literário específico receberá o título distintivo de “História”. A imprecisão e diversidade original de métodos e objetivos explica, em parte, o que sempre houve de arbitrário, desde o início, na definição do que é e do que não é “História”. Arnaldo Momigliano oferece um interessante painel dessa tarefa “purificadora” na Antiguidade em seu capítulo primeiro de *Historiografia grega* (1984, p. 09-45).

¹² Simon Hornblower não informa a página da obra de G.E.R. Lloyd (1978) - a referência completa desta está na Bibliografia.

¹³ A referência original: MOLES, J.L. *Truth and untruth in Herodotus and Thucydides*. p. 99-100. In: GILL, C. E WISEMAN, T.P. *Lies and fiction in the Ancient World*. Exeter: University of Exeter, 1993. p.

A refutação de Homero por Heródoto é explícita na passagem das *Histórias* em que são descritos os preparativos de Xerxes para a expedição contra os gregos:

Por quatro anos inteiros a partir da conquista do Egito, Xerxes preparou um exército e tudo o que fosse necessário para ele, e antes do fim do quinto ano ele colocou-se em marcha com uma grande multidão. Com efeito, de todas as expedições de que temos conhecimento, esta foi em muito a maior, de forma que nenhuma outra lhe pode ser comparada, nem a de Dario contra os citas, nem a destes quando, em perseguição aos cimérios, invadiram a Média, subjugando e governando quase toda a alta Ásia – pelo que Dario depois tentou puni-los -, nem, segundo se conta, a dos atidas contra Troia, nem de mísios e teucros antes de Troia, que cruzaram o Bósforo e entraram na Europa, subjugando todos os trácios e descendo em direção ao mar Jônio, marchando para o sul até o rio Peneu (VII.20).¹⁴

O superlativo, portanto, já fora usado por Heródoto para afirmar a superioridade, em termos de grandeza, do conflito que historiava em relação a todas as outras guerras que cria importantes, inclusive a narrada por Homero. O critério selecionado por Heródoto é o da grandeza quantitativa da expedição organizada por Xerxes. Depois de quatro anos de preparativos, o Grande Rei reunira uma multidão enorme, em muito superior a qualquer outro exército de tempos passados. Isso incluía expedições então recentes, como a de Dario contra os citas, ou distantes, como a dos aqueus contra a Troia. Heródoto realmente “segue as pegadas de Homero”, mas a Guerra de Troia é apenas uma dentre aquelas que o historiador julgou dignas de serem mencionadas para comparação com a movida pelo persa contra os gregos. É contrapondo-se a todas elas, e a seus respectivos relatos, que Heródoto confere importância maior à guerra que historia e a sua apresentação.

Tucídides, por sua vez, teria feito o mesmo, buscando legitimar seu relato pela afirmação da superioridade da Guerra do Peloponeso contra as relatadas por Homero e Heródoto. Homero e a Guerra de Troia são diretamente questionados pela *História*, mas o mesmo não ocorre com Heródoto e as *Histórias*, o que gerou

88-121.

¹⁴ A partir da tradução de A. D. Goodley.

dúvidas quanto a Tucídides estar ou não se referindo a ele em sua obra¹⁵. Tendo ou não Heródoto em mente, Tucídides sentiu necessidade de explicar como chegara a sua competitiva e polêmica asserção justificadora:

porque verificava que, ao entrar em luta, uns e outros estavam no auge de todos os seus recursos e porque via o restante do povo helênico enfileirando-se de um lado e outro lado, uns imediatamente, outros pelo menos em projeto. Esta comoção foi a maior para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros e, pode-se mesmo dizer, atingiu a maior parte da humanidade (I.1-2).¹⁶

O verbo utilizado por Tucídides – *tekmairesthai* – é um dos termos-chaves do seu processo investigativo e da correlata produção de conhecimento, sendo também encontrado na investigação efetuada por Édipo para a determinação do motivo dos males que assolavam Tebas (MARSHALL, 1996, p. 235-238). Ele indica que o historiador inferiu, deduziu por raciocínio a partir de indícios recolhidos por ele mesmo na realidade que vivia, nos pródromos da Guerra do Peloponeso. Estes indícios, não apresentados ao leitor, em parte concerniriam aos recursos, aos preparativos, das partes beligerantes, cuja análise lhe permitiu concluir que os rivais tinham atingido o ápice em termos de tudo aquilo que era necessário para a realização de uma guerra. Também teria recolhido dados relativos à escala humana do conflito, e estes dados teriam-no conduzido ao raciocínio de que todos os povos helênicos tinham acabado, cedo ou tarde, lutando, e ainda tinham se juntado a eles uma parcela dos bárbaros. Isso representaria a “maior parte da humanidade” (*pleiston anthropon*) e, para esta “maior parte”, a Guerra do Peloponeso teria sido a “maior comoção” (*kinesis megiste*) que os teria atingido em todos os tempos.

Em primeiro lugar, portanto, ápice de proporções de recursos militares, alimentares, de treinamento, etc.; em segundo, máxima extensão de envolvimento

¹⁵ Gordon Shrimpton (1998) coloca em dúvida que Tucídides possa ter conhecido as *Histórias* antes de 420, data da provável publicação da obra herodotiana. Supondo que a *História* tenha tido sua redação iniciada em 431, conclui que as ideias de Tucídides sobre seu próprio escrito, principalmente as expostas no prólogo, e em particular na *Metodologia*, não foram simples reação ao seu famoso antecessor.

¹⁶ Tradução de Anna Lia Prado.

humano no conflito. Estas são as duas ordens de razões, geradas por operação indiciadora, apresentadas pelo historiador como tendo lhe permitido não conhecer o passado, mas esperar a grandiosidade inédita do que estava por vir. Estas duas ordens de razões constituem, por enquanto, a dimensão de grandeza que a práxis humana teria comportado durante a guerra entre atenienses e lacedemônios – uma grandeza superior, causadora de verdadeira *kinesis*. Este termo significa literalmente *movimento, convulsão*, podendo ser interpretado como uma metáfora biológica, no sentido de perturbação de um organismo (SH¹ ad I.1.1). Por outro lado, o verbo a ele correspondente – *kinein* – é empregado por Tucídides quando do registro do terremoto ocorrido em Delos (II.8.3). Pode-se ver aqui, pois, a imagem de uma realidade transtornada, convulsionada, como nunca antes acontecera. Tucídides retorna a este aspecto de seu arazoado para justificá-lo:

De fato, era impossível apreender, com clarividência, os acontecimentos anteriores e os ainda mais antigos devido à sua densidade temporal; mas pelos indícios de cujo extenso exame cheguei a uma convicção, julgo que eles não foram grandes, nem quanto às guerras, nem quanto aos demais (I.1.3).¹⁷

Há duas temporalidades referidas sem maior precisão: os “acontecimentos anteriores” (*ta pro auton*) e os “mais antigos ainda” (*kai eti palaitera*); eles se distinguem apenas pelas suas respectivas “densidades temporais”, menor nos primeiros, maior nos segundos porque mais distantes do tempo presente (PIRES, 1999, p. 149). Ao invés de esclarecer o leitor a respeito destes fatos e das respectivas épocas em que ocorreram, e assim evitar outro problema inextricável para a crítica moderna¹⁸, Tucídides menciona a impossibilidade de *saphos heurein*: de “apreensão cristalina, transparente de clareza” (PIRES, 1999, p.156)¹⁹. Porém logo esclarece ter superado tais problemas

¹⁷ Tradução de Murari Pires (1999, p. 235-236).

¹⁸ Críticos modernos concordam com a limitação à apreensão do passado mais distante, mas não aceitam que Tucídides possa ter pensado que o conhecimento do período decorrido entre as Guerras Greco-Pérsicas e a Guerra do Peloponeso enfrentasse tamanho óbice. Essas críticas são comentadas em AWG¹ ad I.1.3 e Francisco Murari Pires (1999, p.149-150).

¹⁹ A apreensão cristalina é reservada para a história do presente que satisfaz o critério da presença cognitiva, isto é, a possibilidade de testemunho ocular dos fatos ou de juízo de testemunhos

com as inferências “a partir dos indícios” (*ek de tekmerion*) submetidos a um “extenso exame” (*epi makrotaton skopounti*). O verbo *skopein* descreve a investigação crítica e calculista que avalia e permite conclusões²⁰, e o resultado do escrutínio tucidideano fora a convicção de que seu prognóstico inicial estava correto: tudo o que ocorrera antes da Guerra do Peloponeso, em todos os seus aspectos, fora de escala inferior ao presente que vivia.

Tucídides submete então seu “extenso exame” ao leitor, empreendendo a Arqueologia (I.2-19), o exame do tempo decorrido dos primórdios da Hélade até a grande conflagração. Como observou Gomme, Tucídides não oferece novos indícios, mas interpreta os fornecidos pela tradição (AWG¹ ad I.1.3). Os elementos utilizados para caracterização e avaliação desse passado são os da grandeza dos tempos do império de Atenas²¹. O ateniense considera a *pleonexia*, o desejo de ganho, como sendo algo espontâneo no homem, mas que pode ser satisfeito apenas através da unidade, segurança e estabilidade de uma comunidade senhora de um império marítimo (FARRAR, 1990, p.138-144)²². E pode-se dizer que a tese geral de Tucídides é que, até o momento em que se defrontaram atenienses, peloponésios e respectivos aliados em 431, as condições materiais dos helenos não poderiam ter propiciado um conflito da magnitude como o por ele historiado.

Conforme tal orientação geral, quanto ao passado mais distante, Tucídides assevera que a Hélade fora caracterizada pela *astheneia*, termo empregado para referir fraqueza física e que aqui designa a falta, por parte do “organismo” heleno, do vigor necessário para realização de grandes ações (I.3.1). Dividida, instavelmente ocupada porque suas cidades eram sujeitas à *stasis* (guerra

oculares.

²⁰ Também utilizado nas investigações promovidas pelo protagonista do Édipo Tirano de Sófocles (KNOX, 1971, p.100).

²¹ Com o que Gomme não parece concordar: ver AWG¹ ad I.1.1.

²² Cynthia Farrar argumenta que a *História* foi escrita de forma a mostrar que, uma vez atingido o acme de poder, a rivalidade instaurada impedia o prosseguimento da acumulação. O desejo de ganho, a *pleonexia*, e a segurança, *asphaleia*, tornavam-se antagônicos e não mais complementares. Era necessário, e Tucídides demonstraria isso, o controle da *pleonexia* espontânea do ser humano pela “razão” (1990, p.143).

civil) e à cobiça de terceiros (helenos, estrangeiros ou piratas), a Hélade carecia das condições necessárias para acumular riquezas e, por decorrência disso, não tinha condições materiais de empreender uma ação coletiva de grande vulto (I.2-3.1). A Guerra de Troia teria sido resultado do primeiro momento de unidade e de prosperidade. Minos organizara sua frota e, “como era natural” ou “como era provável”²³, para aumentar seus recursos expulsara os piratas das ilhas, tornando a navegação mais segura (I.4). Os habitantes do litoral passaram então a desenvolver “aquisição de bens”, a viver com maior estabilidade (*bebaioteron*) e algumas cidades foram cercadas de muralhas porque se tornaram mais ricas. Segurança levou à acumulação e esta à dominação: o desejo de ganho (*to kerdos*) fazia com que os mais fracos se submetessem aos mais fortes, e “os mais poderosos, tendo reservas, submetiam as cidades menores”(I.8.3). Aos olhos do escritor, é nesta primeira situação de prosperidade que se organizou a expedição à Troia cujo registro coube à poesia.

Era arriscado, adverte Tucídides, confiar nos indícios fornecidos por Homero visto que, sendo este poeta, obviamente adornara seu relato para engrandecê-lo. O saber poético, como argumentaria posteriormente na “Metodologia”²⁴, era governado pelo “princípio do prazer” e não pelo imperativo da busca da verdade²⁵.

Com base nos indícios que foram enunciados, não erraria quem julgasse os fatos, de modo geral, tais como eu os apresentei, e não confiasse nem no que a seu respeito os poetas celebraram, tendo antes em vista adornos engrandecedores, e nem no que os logógrafos compuseram,

²³ O sentido de “natural” para *eikos*, solução de Anna Lia Prado, é recusado por Hornblower ao criticar igual entendimento de Westlake (1968). Para o primeiro comentador *eikos* deveria ser compreendido como “provavelmente”. A essencialidade, ou naturalidade, da *pleonexia* de Minos deixaria assim de ser uma certeza para se tornar uma probabilidade baseada na estimativa de Tucídides do soberano e/ou do homem em geral (Cf. SH¹ ad I.4). Na narrativa da *stasis* (III.70-85), *pleonexia* é um dos desejos que comandam o comportamento daqueles cuja natureza foi adaptada às circunstâncias de guerra.

²⁴ Nome modernamente conferido aos poucos parágrafos consagrados a comentários sobre a pesquisa e a escrita da *História* (I.20-22).

²⁵ Sobre este aspecto da agonística entre a poesia e a história ver PIRES (1999, p. 181-203) e HARTOG (1999, p. 302-312).

tendo antes em vista o que é mais do agrado do auditório ao que é mais verdadeiro, dado que eles são incomprováveis e, na sua maioria, pela ação do tempo, foram transportados para a dimensão incrível do *mítico*. Entendo, todavia, com base no que são os *sinais mais evidentes*, em se tratando dos tempos antigos, que os fatos foram suficientemente bem determinados (I.21.1).

Tucídides, contudo, opera com os indícios fornecidos pela épica para mostrar que, mesmo com todo o engrandecimento, a guerra por ela narrada era inferior à “comoção” que ele, Tucídides, escrevia. Primeiro, através do cálculo de homens embarcados nas naus dirigidas à Troia (I.10.4-5); segundo, argumentando que tal número, não muito grande, era consequência da falta de recursos (I.11). Evidência disso era o fato da expedição não ter aproveitado o sucesso inicial alcançado - o que é deduzido pelo fato dos sitiados terem construído muralhas defensivas - porque fora preciso obter provisões através do cultivo e de pilhagens (I.11). Aquilo que poderia ser um sinal de grandeza, os dez anos de luta, tornam-se dessa forma signo de fraqueza (PIRES, 1999, p.176). Fossem os helenos ricos, teriam levado suprimentos suficientes e logo resolvido a situação e mais: a expedição a Troia pode ter sido notável em relação às que lhe precederam, mas era inferior à fama e à repercussão que auferira, e que mantinha, graças aos poetas (I.11.3).

Fora expedição de tal porte que a Hélade de então pudera realizar e novas condições para empreendimento conjunto somente surgiriam ao final de um longo processo que culminou com a derrubada dos tiranos e possibilitou o enfrentamento e a derrota do bárbaro. Não é o que se pode chamar de processo linear e irreversível. Os tiranos parecem ser inicialmente razão de estabilidade e, na lógica tucidideana, de enriquecimento, por permitirem a expansão da marinha e do comércio naval (I.13)²⁶. Posteriormente, os mesmos tiranos tornam-se, com os persas conquistadores da Jônia, um obstáculo à acumulação de riquezas porque estavam mais preocupados com sua segurança pessoal e com a prosperidade de

²⁶ É a opinião de Simon Hornblower contra A.W. Gomme, o qual julga que a riqueza foi causa e efeito da tirania. Cf. SH¹ *ad* I.13.1 e AWG¹ *ad* I.13.1.

sua família²⁷. Tinham sido, por decorrência disso, excessivamente cautelosos na administração das cidades, não realizando nenhuma empresa digna de menção. A Hélade, desta forma cerceada, e ainda dividida em cidades rivais, nada realizara de notável e mostrara-se “bem pouco ousada” (*atolmotera*)²⁸ até a invasão persa, quando a maioria dos tiranos já tinha sido destituída (I.17).

Tucídides, então, não analisa detidamente a Guerra contra o Persa neste momento. Limita-se a referir a batalha de Maratona (I.18.1) e a “grande expedição do bárbaro”, mencionando o jogo de alianças e divisões entre os gregos que seguiu à grande vitória, comentando por fim: “Assim, desde as guerras médicas até esta, ora firmando tratados de paz, ora lutando entre si ou contra os aliados dissidentes, aperfeiçoaram seus recursos bélicos e tornaram-se mais experientes, exercitando-se em meio aos perigos (I.18.3).²⁹

O autor amplifica seu raciocínio antes apresentado no primeiro capítulo. A grandeza dos preparativos dos beligerantes, constituía uma das duas ordens de razões que geraram sua conjectura a respeito do caráter superlativo do conflito que testemunharia. Na passagem acima transcrita, observa que houve um crescimento paralelo do poder de atenienses e lacedemônios através de tratados de paz ou de lutas entre si e com aliados dissidentes. Através disso, todos, por um lado, “aperfeiçoaram seus recursos bélicos”, por outro, tornaram-se “mais experientes” (*empeiroteroi*), exercitando-se em meio a perigos. Em outras palavras, houve um crescendo de poder após as vitórias contra os bárbaros que fez com que os recursos de ambas as partes, na época da eclosão do grande *polemos*, estivessem em um nível superior ao da grandeza alcançada quando de Maratona, Salamina,

²⁷ Já para os helenos da Jônia, o obstáculo foi a sua conquista pelos persas. Cf. I.17.

²⁸ Audácia (*tolma*), em seu aspecto positivo, é qualidade atribuída aos atenienses pelos coríntios no chamado Debate em Esparta (I.70.1), e pelo próprio Péricles no Discurso Fúnebre (II.40.4). Tal caracterização é, de certa forma, confirmada pelo próprio Tucídides quando, ao observar a oportunidade perdida pelos lacedemônios de vencer a guerra depois do desastre ateniense na Sicília (VIII.96.5), escreve: “uns [os atenienses] ousados, os outros [os lacedemônios] sem audácia”. Cf. SH¹ ad I.71.3. Na narrativa da *stasis*, a ousadia “irrefletida” (*alogistos*), é um dos vícios dos tempos normais, isto é, anteriores à convulsão civil (EDMUNDS, 1975, p.75).

²⁹ Tradução baseada em Anna Lia Prado.

Plateia, etc. Tucídides reitera, dessa forma, a dimensão de grandeza superlativa alcançada pela Guerra.

Depois do intervalo constituído pela Metodologia, Tucídides retoma a discussão sobre a justificativa do escrito, no que diz respeito à grandeza de seu objeto. Heródoto e suas *Histórias* são enfrentadas para vencer o último obstáculo na demonstração da magnitude superlativa do acontecimento, da dignidade incomparável de seu registro escrito:

Das ações antigas a maior foi a guerra médica, e essa, contudo, foi decidida rapidamente por duas batalhas no mar e na terra. Esta guerra, porém, prolongou-se muito e para a Hélade, no seu decorrer, foram trazidos sofrimentos (*pathemata*) como não houve outros em tempo igual (I.23.1).

Pelo arrazoado desenvolvido, se considera definido que a guerra com o Persa fora a “maior” (*megiston*) dentre as ações antigas, de grandeza superior à de Troia, a qual fora superior a todas as anteriores. O conflito mais recente com o bárbaro, entretanto, tivera solução, *krisis*, rápida: apenas quatro batalhas. Estas são, presumivelmente, as navais Artemísio e Salamina e as terrestres Termópilas e Plateia (AWG¹ *ad* I.23.1; SH¹ *ad* I.23.1). Comentadores modernos crêem que Tucídides teria sido mais feliz, caso visasse realmente desqualificar Heródoto e a pesquisa deste, se tivesse questionado os prodigiosos números apresentados pelo seu antecessor: um milhão e setecentos mil homens, apenas nas forças terrestres³⁰. Outros (AWG¹ *ad* I e SH¹ *ad* I.23.1) acharam curioso que Tucídides tenha reduzido a guerra com o bárbaro a tais limites, excluindo a primeira grande derrota persa, Maratona, a vitória grega em Mícale (parte da campanha de Plateia), e os desdobramentos militares decorrentes da formação da Liga de Delos³¹. Constituída

³⁰ HERÓDOTO. *Histórias*. VII.60.1; a descrição completa das forças reais estão entre os capítulos 60 e 99. A crítica moderna pode ser conferida em SH¹ *ad* I.23.1 e Hornblower (1987. p.108-109).

³¹ Tais como a captura de Eion (476), na foz do Estrimão, por Cimão, que igualmente expulsou os persas da Cária e da Lícia (depois de 469), derrotando a parte mais importante da frota persa no rio Eurimedonte. Posteriormente, em 459, os gregos enviaram uma frota para o Egito, insurgido contra o domínio persa, e sofreram derrota desastrosa ao fim de cinco anos de campanha. O próprio Tucídides relata algumas destas atividades dentro da *Pentecontaetia* (I.89-112), a narrativa dos 50 anos decorridos entre a derrota da segunda invasão persa (480) e o início da Guerra do Peloponeso.

em torno de 477 para continuar a guerra com o bárbaro, esta Liga compreendeu atividades até o ano de 449, quando houve um acordo entre Atenas e a Pérsia, a chamada Paz de Cálias. Na interpretação de Gomme, conforme seu entendimento do sentido tucidideano de *kinesis*, “força destrutiva”, em termos dramáticos, e mesmo conforme a “avaliação popular”, a guerra para os gregos terminara com a expulsão dos invasores (AWG¹ ad I.23.1).

De qualquer forma, restringindo a temporalidade das guerras Greco-Pérsicas, Tucídides pôde afirmar que o embate que escrevia em muito ultrapassara a extensão de tempo daquele que fora o maior *polemos* dos tempos passados. Logo em seguida complementou: “sua” guerra também trouxera “sofrimentos” (*pathemata*) incomparáveis em igual período de tempo. Não se está mais no âmbito das categorias expressas na Arqueologia – *pleonexia*, império, marinha, comércio, muralhas, acumulação, etc. O substantivo neutro *to pathema*, derivado de *pathos*, transmite a ideia de experiência sofrida pelo homem e causadora de dor, aflição, dano, afetando tanto sua alma quanto o seu corpo (LSJ 1285; AB p.1437; PC² p.862). A demonstração do caráter superlativo da Guerra do Peloponésios adquire, portanto, outra peculiaridade individualizadora, revela outro critério de seletividade da narrativa ao apreender uma dimensão de grandeza da práxis humana guerreira (PIRES, 1990, p.176 *et seq.*). Durante a guerra, sofrimentos incomparáveis com quaisquer outros, em igual período de tempo, “tinham sido trazidos” para a Hélade – Tucídides utiliza o verbo *sympherein*, em sua forma passiva. O critério da magnitude superior da Guerra do Peloponeso agora é o sofrimento provocado pelo conflito, o que não é uma novidade em termos da visão grega da guerra, tal como registrada em Homero e Heródoto.

Murari Pires caracteriza esta dimensão de sofrimentos como “portentividade trágica”, considerando-a como um dos elementos do princípio axiológico tanto da poesia quanto da história³². Na *Ilíada*, está no proêmio que a “ira

³² Adapta-se a seguir o arrazoado de Francisco Murari Pires (1999) para epopeia homérica (p.163-

funesta” de Aquiles causara “inúmeros sofrimentos” e muitas mortes aos aqueus, lançando “muitas almas potentes ao Hades (LSJ 1285; AB p.1437; PC² p.862). Além disso, a contrastar com o estatuto superior do herói está a inevitabilidade da morte e o caráter vergonhoso da mesma pela profanação dos cadáveres por animais e pelo inimigo vitorioso (PIRES, 1999, p.164). Na *Odisseia*, também no próêmio, encontra-se a menção aos sofrimentos de Odisseu que

muitas dores no mar sofreu em seu coração
batendo-se por sua vida e pelo retorno dos companheiros;
mas nem assim os companheiros salvou, mesmo querendo-o,
pois por estultícias deles mesmos pereceram,
néscios, que os bois de Hélio Hiperiônio bem
devoraram, mas ele os privou do dia do regresso (HOMERO. *Odisseia*, I.4-9).

Nas *Histórias*, arrgumenta Murari Pires, “aspectos de relevância trágica, enquanto princípio seletivo dos temas contemplados pela narrativa, ressoam difusos nas declarações do Proêmio da obra herodoteana” (1999, p.170).

e prosseguirei em frente meu discurso, falando igualmente das pequenas e grandes cidades dos homens. Porque muitas que eram outrora *grandes*, agora tornaram-se pequenas; e aquelas que eram em minha época grandes, pequenas foram. Sabendo que a prosperidade humana jamais permanece fixa, farei menção de ambas igualmente (HERÓDOTO. *Histórias*. I.5).

Esta noção de transitoriedade da prosperidade humana está presente ao longo de todo o relato herodoteano. Para Lesky, é reflexo de uma concepção de divindade na qual o homem é sujeito à inveja e vingança dos imortais sempre que ultrapassa a justa medida de sua condição que, como em toda cosmologia interligada, é impossível de conhecer de forma completa e segura (LESKY, 1995, p.352-354)³³. O aspecto patético da existência humana é particularmente destacado nas palavras que Artábanos dirige a Xerxes. O soberano persa primeiro exultara ao ver a grandeza de seu exército e de sua marinha a ocupar todo o Helesponto e toda a região de Ábidos e, subitamente, caíra em lágrimas por pensar

166) e para as *Histórias* (p.170-171).

³³ Sobre a inevitabilidade da *hybris* ver os comentários de Oudemans e Lardinois (1987, p. 38 *et seq.*).

que, em um século, nenhum daqueles homens estaria vivo. Artábanos, depois de ouvir a razão da alteração súbita de humor do soberano, replicou:

Na nossa vida temos que suportar outro sofrimento mais digno de piedade. Por mais curta que seja nossa vida, não há homem aqui ou em qualquer lugar que seja tão feliz que não seja compelido, não uma mas muitas vezes, a desejar estar morto e não vivo. Os infortúnios caem tanto sobre nós e as doenças tanto nos torturam que fazem parecer a vida longa, por mais breve que ela seja. Assim, a vida é coisa tão penosa que a morte se torna o refúgio mais desejável para o homem; o Deus mostra ser assim invejoso, depois de apenas nos deixar provar a doçura da existência (Hdt. VII. 463-4).

Mas o patético tucidideano é análogo ao presente nas *Histórias*? No que consistiram as experiências dolorosas causadoras de dano e sofrimento? Qual o seu caráter?

Com efeito, nunca tantas cidades foram tomadas e devastadas, umas pelos bárbaros, outras pelos próprios beligerantes (havendo as que, tomadas, trocaram de habitantes); e nunca tantos exílios e massacres, seja em decorrência da guerra mesma, seja dos conflitos faccionais (I.23.2).

Todos esses desastres são essencialmente humanos. Não são mencionados deuses ou qualquer outra entidade divina; unicamente os homens - gregos e bárbaros envolvidos em uma conflagração desprovida de qualquer acento metafísico - são apresentados como os causadores de todas as experiências dolorosas arroladas. A sua narrativa estabelece o significado especial destes fatos pelo ineditismo da sua escala e, conseqüentemente, pelo ineditismo da grandeza do dano e do sofrimento que atingiu os homens envolvidos. Até aquele momento, nunca “tantas” cidades tinham sido tomadas e “despovoadas” (*eremotheresan*). Esse verbo grego transmite o sentido de desolamento resultante da guerra: comunidades inteiras de gregos tinham sido arruinadas pela guerra. E Tucídides acrescenta: houve, inclusive, cidades que sofreram uma mudança (*metebalon*) completa de habitantes. Isto é, populações - por morte, escravidão, desterro - tinham sido retiradas de seu território e substituídas por outras. O historiador conclui sublinhando a razão da excepcionalidade dos fatos: “nunca tantas” pessoas tinham sido exiladas e massacradas, pela guerra ou pelas lutas intestinas por ela

desencadeada: a dor, a ruína e o aniquilamento também tinham sido produzidos pela luta fratricida de cidadãos.

Logo a seguir, para surpresa de nossa sensibilidade moderna, a lista de desastres é continuada pela menção de outros, cujo caráter nos parece antitético ao daqueles inicialmente mencionados.

Também o que era dito anteriormente por conta da tradição oral, mas muito raramente confirmado de fato, tornou-se não incrível: sobre os terremotos que ao mesmo tempo atingiram a maioria das regiões e foram os mais fortes; e eclipses solares, que ocorreram com maior frequência do que aqueles de que se lembrava terem ocorrido em tempos anteriores; grandes secas em certas regiões e, em consequência delas, fome, e ela, não menos causadora de dano e, em parte, de destruição, a pestilencial doença³⁴. Tudo isso, de fato, caiu sobre os gregos com esta guerra (I.23.3).

Chama atenção inicialmente o anúncio de que certos informes relatados pela tradição adquiriram, graças à guerra, foros de verdade. Esta transformação é destacada pela antítese de *akoe* a *ergo*: o que antes eram “estórias” tinham, graças à guerra, se tornado fatos estabelecidos (PARRY, 1988, p.7;114-116). Isto pode surpreender, porquanto um dos argumentos que Tucídides utilizara pouco antes para definir a autoridade de seu relato fora exatamente a superioridade deste sobre as *akoai*, principalmente porque constituíam modos de transmissão do passado que dispensavam ou não incentivavam a busca da verdade por parte do ouvinte (PIRES, 1999, p.150-155; 180-184).

Pois bem, tais foram de acordo com minhas pesquisas os tempos antigos³⁵: sobre eles é difícil dar crédito a todo e qualquer indício. De fato, os homens, mesmo quando as tradições [orais- *tas akoas*) sobre o passado dizem respeito à sua própria terra, agem do mesmo modo: aceitam-nas sem submeter à prova sua autenticidade (I.20.1).³⁶

O segundo aspecto que surpreende na passagem analisada é que os desastres listados são, na nossa visão, naturais: terremotos, eclipses, secas, fome, peste. As estórias guardadas e transmitidas pela tradição a que se refere Tucídides

³⁴ Adota-se aqui o sentido usual de *peste* para *loimos*, entendendo-se por “peste” doença contagiosa grave, epidêmica, caracterizada por grande mortandade, como parece ter sido o caso da doença que atingiu Atenas. Tal entendimento genérico preserva a impossibilidade de definir claramente o que foi tal flagelo.

³⁵ O período decorrido entre as Guerras Greco-Pérsicas e a Guerra do Peloponeso.

³⁶ Tradução de Anna Lia Prado.

são, infere-se, aquelas referentes à simultaneidade de grandes desastres humanos e grandes transtornos da natureza. A tradição é surpreendentemente restaurada em sua dignidade para servir de evidência justificadora da *História*. Aquilo que até então era apenas *estória* tornara-se *fato* e ainda se verificara em escala superlativa. Era verdade que grandes guerras eram acompanhadas por fenômenos naturais extraordinários, portanto a maior de todas deveria ser acompanhada por fatos naturais extraordinários de grandeza superiores.

Quanto aos terremotos, a “maioria” das regiões tinha sido abalada pelos “mais violentos” deles – portanto, extensão considerável (como a da própria guerra que envolvera a maioria da humanidade) e força superlativa dentre todos os abalos sísmicos. Os eclipses solares tinham sido “mais frequentes” do que aqueles que a memória, tão vilipendiada por Tucídides em outros momentos, lembrava terem ocorrido com outras guerras – o verbo *symbainein* pode significar acontecer, mas também tem o sentido de “ocorrer junto” por “coincidência”, por “acaso” (LSJ p.1674; AB p.1819). Que acaso seria este? Para as *tradições* gregas não seria o relacionado com a noção de encontro fortuito ou de contingência, mas aquele atribuído à intervenção da *Tyche* (a *Fortuna* latina) ou de qualquer outra divindade. A conjunção de calamidades provocadas pelo homem e pela natureza não tinha nada de contingente, era significativa para quem tivesse os olhos adequados para enxergar a unidade de tudo o que existia. O desequilíbrio natural também fora revelado pelas secas, que tinham sido “enormes” (*megaloi*). Tal qualificação pode ser interpretada no sentido de que as secas tinham atingido grandes áreas, como tendo tido grande duração; em consequência disso, elas tinham causado fomes. E, por fim, a “doença”. Não foram “doenças” ou “as doenças”, mas um *pathos* singular. Como observou Adam Parry (1989, p.175), são nove os termos que destacam o substantivo *nosos*, conferindo um tom poético quase “apocalíptico” ao clímax da descrição dos *pathemata*. Fora o *pathos* cujo dano e destruição por ele causados não foram inferiores aos provocados pelos

outros desastres: a “pestilencial doença”. Assim, pateticamente individualizada, a peste foi o único das ocorrências naturais que recebeu tratamento particular por parte de Tucídides.

Porque tais fatos *inumanos* estão associados aqueles que nos parecem causados diretamente pelo homem? Simon Hornblower observa que esta parte da *História* causa embaraços a seus comentadores (SH¹ ad I.23.2-3). É embaraçosa porque pode-se pensar que Tucídides sugere uma conexão entre eventos humanos e naturais, o que contradiz a visão de um bom número de estudiosos sobre o historiador ateniense, desejosos de ver nele um propugnador de uma separação “racional” entre os mundos humano, divino e natural. Observou Nanno Marinatos que, desde o trabalho de Charles N. Cochrane (1929), a explicação de fenômenos naturais em termos de causas naturais tem sido usada como uma das principais evidências da atitude científica e do desligamento de Tucídides da religião (1981, p.17). Seria uma evidência do rompimento com a ontologia unitária grega que, como suas congêneres “primitivas”, poderia explicar uma tempestade como sendo manifestação do descontentamento da divindade. Neste sentido, a lista dos *pathemata* é um problema.

H. D. Westlake, por exemplo, acredita que Tucídides se sentiria incomodado com a simples possibilidade de que seus leitores suspeitassem que ele era capaz de sugerir ser um fato natural extraordinário um sinal de intervenção divina³⁷. Peter John Rhodes crê, baseado em passagens tomadas isoladamente³⁸, ter Tucídides visto os fenômenos naturais apenas como desprovidos de qualquer significado para a conduta humana. Apenas no rol dos *pathemata*, ressalva, Tucídides teria sido “tentado” a ver sentido sobrenatural em terremotos, fome, etc. O autor, entretanto, não explica porque tal visão teria sido uma “tentação” para o

³⁷ É o comentário do autor sobre a referência de Tucídides (II.77.6) ao que *se dizia (legetai)* ter salvo Plateia da destruição pelo incêndio provocado com este fim pelos lacedemônios: a providencial ocorrência de uma violenta tempestade (WESTLAKE, 1977, p.354).

³⁸ II.28; VII.50.4 (sobre eclipses); III.89.2-5, sobre a relação entre terremotos e maremotos; VII.79.3, sobre tempestades de outono.

historiador ateniense. Provavelmente, Robert Lenoble (1969) argumentaria que tal visão sedutora da realidade seria consequência do fato de que ainda não havia a segurança psicológica necessária para afirmação absoluta da objetividade dos fatos naturais, pois avalia analogicamente os desenvolvimentos humano como espécie e como indivíduo. Tucídides, como todo o grego de então, não teria como encarar um mundo natural indiferente à existência humana. Talvez Rhodes esteja apenas manifestando o curioso temor da razão de se ver subvertida por um saber que, não sendo positivo, oferece porém uma recompensa prazerosa que não pode ser obtida pela apropriação racional da realidade³⁹. Já Gomme, em seus comentários, é inicialmente mais cuidadoso (AWG¹ ad I.23.3). Afirma não ser claro se o próprio Tucídides pensou ter existido alguma conexão entre as ações humanas e os fenômenos da natureza, mas a afirmação de que os eclipses tinham sido mais frequentes durante a Guerra do Peloponeso permitiria pensar que sim. Todavia, continua Gomme, eclipses não são desastres como terremotos, e sua causa natural era conhecida na época da infância de Tucídides, graças ao filósofo jônio Anaxágoras (c.500-428); e quando Tucídides oferece um relato do maremoto em Orobias (III.89), não teria sugerido que fosse um portentoso. Então conclui: o historiador ateniense apresentara em I.23.3 apenas a “opinião popular”, a qual considerava todos aqueles fenômenos naturais como sendo o acompanhamento inevitável dos desastres humanos.

Nanno Marinatos oferece um resumo de outras duas estratégias argumentativas comumente empregadas (1981, p.17-18). Uma explica a “estranha

³⁹ Conforme a análise de Marcel Detienne, no campo do estudo da mitologia, pelo menos desde o trabalho de Lévy-Bruhl (entre os anos de 1910 e 1938), imagina-se que o benefício advindo do saber mitológico seja medido em “unidades de prazer”, devido ao caráter inofensivo da sua audição. Isso explicaria “a tendência sempre viva em nós de considerar a parte mística da experiência tão real quanto a positiva”. Para sufocar esta “propensão” do homem, nefasta por tornar potencial o retorno do mundo primitivo, o racionalismo, “que tem por fronteiras as leis da natureza e do pensamento, nunca deixou de ser uma via difícil nem de exigir um estrita disciplina.” Nisso haveria, paradoxalmente, uma violência que tornaria muito mais “voluptuoso o prazer de abandonar a atitude racional, quando, ao prestar atenção aos contos e às fábulas, nos colocamos, por uma breve audição, na atitude ancestral.” (DETIENNE, 1988, p.46)

peculiaridade” da *História* através do interesse de seu autor pela ciência; outra argumenta que Tucídides teria, na verdade, se preocupado com os efeitos sociais e psicológicos dos fenômenos naturais. Na opinião de Marinatos, são explicações parciais. Contra-argumenta que, no caso da primeira, dos três eclipses mencionados na *História*, dois têm explicação naturalista; de dez terremotos, apenas um, e, no caso da peste, há descrição, mas não indicação das causas (1981, p.18).

Outros estudiosos não se mostraram tão perturbados com a hipótese da interconexão. Simon Hornblower considera que Tucídides fez mais do que sugerir-la em I.23.3, provavelmente movido por intenções retóricas, isto é, buscava justificar a importância superlativa de seu relato pelo apelo à ideia socialmente valorizada de unidade dos fatos humanos e naturais (SH¹ ad 1.23.3). Mas a narrativa sequente, segundo o mesmo Hornblower, não confirmaria de todo o caráter ruinoso apontado no prólogo, de forma que existiria uma ambiguidade essencial na postura do autor: a abordagem de Tucídides seria “complexa” e ele poderia pensar e escrever sobre a guerra de formas diferentes e com espírito diferente (SH¹ ad 1.23.3 e ad 2 47.3-54), seja ao estilo reticente do rol dos *pathemata*, seja de forma aparentemente separativa, como a relação que estabelece entre a ocorrência de tempestades e a proximidade do outono (7.79.3).

Jaa Torrano, por sua vez, encara a *História* de forma peculiar. Na sua opinião, Tucídides descreve pelo lado humano uma ação, a guerra, “cujos agentes são homens mortais mas cujo subjacente fundamento são os Deuses imortais” (1996, p.162). O rol dos sofrimentos arrolados pelo historiador e a solidariedade desses fenômenos “de diversas ordens” seriam indícios desse “subjacente fundamento”, por ele notados a partir de sua limitada e limitadora perspectiva humana⁴⁰. A visão de mundo tucidideana ainda teria elos com a de Homero e

⁴⁰ Na ótica de Torrano, um discurso, como a história, que tem como sujeito um mortal, só “pode falar das palavras e ações de Deuses tomando-as pelo lado humano” (1996, p.159). O que muitos outros estudiosos saúdam como signo da autonomia humana – o homem considerando-se como

Hesíodo, para os quais, como para a maioria dos homens antigos (orientais e ocidentais), os desastres e ocorrências excepcionais da natureza, contemporâneos de um conflito militar, mostravam o desprazer e o desfavor dos deuses (TORRANO, 1996, p.162). A solidariedade entre comportamentos humanos e “fenômenos de diversas ordens” em um mundo unificado é bem exemplificada por Torrano em uma citação de Hesíodo

Eles justiça a forasteiros e a nativos dão
reta e não transgridem nunca o justo,
viceja-lhes a cidade, gentes nela florescem,
e Paz na terra é nutriz de jovens, nunca
dolorosa guerra lhes cria o latividente Zeus,
nunca aos retos justos fome os persegue
nem error, mas nas festas fruem curadas ações,
terra lhes traz muito ter: nos montes, carvalho
no alto traz bolotas, no meio traz abelhas,
lanosos carneiros estão pesados de tosões,
parem as mulheres filhos símeis aos pais,
vigoram com bens inteiramente; nem em navios
querem ir, mas frutos traz a doa-vida terra.
Aos que fruem soberbia vil e aturadas ações
cria-lhes justiça o Cronida latividente Zeus:
muitas vezes todo o país é pilhado por vil homem
Que extravía e assim maquina estultícias,
Do céu envia-lhes grandes *sofrimentos* o Cronida,
Fome junto com a *peste*, e *perecem* as gentes,
Nem as mulheres parem e diminuem as casas
Por conselhos de Zeus Olímpio, aliás ainda
Ou *destruiu vasto exército* ou então *muros*
Ou *navios no mar* o Cronida lhes fez pagar
(HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*, 238-48).⁴¹

Comportando-se justamente os homens, apenas benesses lhes enviam os deuses, mas se um único homem frui “soberbia vil e aturadas ações” muitas vezes paga por isso toda uma cidade⁴². E sofrem os homens com o descontentamento do

autor - é, para Torrano, uma perda e uma limitação de perspectiva. Tucídides, porém, ainda teria os olhos abertos para ver o fundamento divino de fatos humanos, reconhecendo a interconexão das distintas esferas da realidade (humana, natural e divina) e o caráter mitológico dos oráculos. Caso Torrano esteja certo, a maioria dos historiadores modernos considera o que pode ver como evidência segura ou da inexistência do divino ou da compartimentação hermética, em dimensões distintas, do divino e do humano.

⁴¹ Tradução de Jaa Torrano.

⁴² A responsabilidade coletiva pelas infrações individuais é mais evidente na tradução de Mary de Camargo Neves Lafer: “Amiúde paga a cidade toda por um único homem mau/que se extravía e que

Cronida que os pune com *mortes*, esterilidade das mulheres, ruína dos patrimônios, destruição de exércitos, muralhas e navios, *fome e peste (limon kai loimon)*. Destes sofrimentos, apenas a esterilidade feminina não se encontra na *História*. Esta, por privilegiar o universo da pólis, fala em devastação de cidades (e não de *oikoi*) e de exílios e massacres decorrentes de *staseis*. A associação guerra e p⁴³este por sua vez, já fora feita na *Ilíada*, como observou Murari Pires, quando Aquiles se dirigiu a Agamêmnon na primeira *assembleia* do poema homérico:

Atrida, creio que agora vamos, repelidos,
Retornar para casa, caso escapemos à morte,
se assim a *guerra* e a *peste* dizimam os aqueus (HOMERO. *Ilíada*, I 59-61).⁴⁴

O que Murari Pires observa ser um elo de continuidade do princípio axiológico da poesia e da história, para Torrano é a evidência de que Tucídides, apesar de limitado pela sua perspectiva humana, identificou nos desastres da guerra os sinais da contrariedade divina: os danos e sofrimentos causados por massacres, exílios, fome, peste, terremotos, secas, eclipses, fomes.

Concordo com a tese de que Tucídides sugere uma relação entre fatos humanos e naturais. Além da proximidade no texto entre os dois róis, a inter-relação pode ser aventada pela inesperada atribuição de autoridade aos “ditos inacreditáveis” na frase: “Também o que era dito anteriormente por conta da tradição oral, mas muito raramente confirmado de fato, não pareceu inconfiável”(I.23.3). Nanno Marinatos crê que essa frase sugere que o próprio autor estava pensando em termos de prodígio, ou ao menos em ocorrências com sentido metafísico (1981, p.23). De uma forma inaceitável para um historiador “moderno”, recorrera a fatos naturais para demonstrar a magnitude do evento historiado, produzindo uma prova concorde com a concepção religiosa, conjugando o aspecto metafísico (os desastres naturais) e o secular (os desastres

maquina desatinos” (vv, 240-241).

⁴³ *Oikos*: unidade básica das póleis helenas, incluindo o senhor das terras, sua família, escravos e bens materiais.

⁴⁴ Tradução de F. M. Pires (1999, p.179).

humanos). Marinatos pondera, citando Patzer⁴⁵, que Tucídides não teria sido “capaz de *superar* o sentimento do demoníaco” (1981, p.22). Curiosamente, a visão separativa da realidade, como na observação de Rhodes sobre os *pathemata* da *História*, parece depender da subjugação de um sentimento ou concepção primeira, espontânea. Marinatos nada esclarece a este respeito, e apenas observa que tal sentimento é melhor compreendido se compararmos a passagem com Heródoto, com menção deste de que, pouco antes da invasão persa, Delos fora abalada por um terremoto, “o primeiro e o último, como dizem os délios, até o meu tempo”(Histórias, VI 98.1). Heródoto complementara ainda que tal “portento”, na sua opinião, “tinha sido mandado pela divindade para anunciar aos homens as desventuras vindouras”. Tucídides, de forma muito semelhante, escreveu que nas cidades gregas, nas vésperas da eclosão do conflito

Por um lado, diziam-se muitas profecias, por outro, adivinhos cantavam muitos oráculos, tanto nas cidades que iam guerrear, quanto nas outras. Além disso, pouco tempo antes, a ilha de Delos fora sacudida por um terremoto, fato do qual os helenos não se lembravam de ter anteriormente ocorrido; era dito e se pensava ser isso um sinal do que estava para acontecer. Se, porventura, outra coisa do mesmo gênero ocorria, examinava-se tudo (II.8.3).

Como explicar dois primeiros terremotos? Rhodes não crê que, como em I 20.3, Tucídides esteja polemizando com Heródoto e aconselha que suponhamos que Tucídides e seus informantes tinham esquecido o terremoto anterior (PJR¹ ad I.8.3). Jeffrey S. Rusten crê que depois de cada terremoto os délios logravam convencer que sua ilha era, como mencionou Píndaro (fr.87), *akineton*: imune aos abalos sísmicos (JSR ad II. 8.3). Também acha importante citar uma opinião de E. Schwartz (1919, p.265): Tucídides não estaria muito preocupado em estabelecer os fatos em uma seção que dizia respeito a oráculos e a portentos. Em outras palavras, aceita-se que o historiador ateniense tenha cometido um erro factual porque era um assunto de somenos importância. Gomme, por sua vez, crê ser impossível que os dois historiadores se refiram ao mesmo terremoto; Heródoto

⁴⁵ PATZER, H. *Das problem der Geschichtsschreibung des Thukydides und die thukydideische Frage*. Berlin: [s.n.], 1937. Marinatos não informa a página da citação.,

provavelmente tinha em mente a guerra iniciada em 431 ou a que ocorrera entre 459 e 445, e Tucídides não o corrigiria (AWG² ad II.8.2). Já Hornblower (SH¹ ad II.8.3) concorda com outra observação de Gomme (AWG¹ ad I.23.1, n.122), de que existem “terremotos e terremotos, uns violentos, outros não.” Tucídides e Heródoto reportariam corretamente o que era dito em seu tempo e, supondo que Heródoto tenha escrito antes de 431, não haveria inconsistência factual. Porém, julgando o problema importante para a compreensão da atitude de Tucídides para com Heródoto, não concorda com Gomme quanto a outro ponto: não tem certeza de que primeiro não esteja aqui gentilmente corrigindo seu famoso antecessor.

De qualquer forma, é importante observar que no momento em que se inicia a narrativa da guerra propriamente dita, Tucídides caracteriza o ambiente das cidades pela efervescência de profecias e oráculos, pelo interesse extremado no exame de acontecimentos extraordinários, sem que uma única palavra de descrédito seja escrita. Pelo contrário, assim como na narrativa das *Histórias*, um terremoto fora registrado como um sinal dos acontecimentos que se seguiriam, na *História* é anotada a ocorrência de um fato extraordinário, o primeiro terremoto em Delos, que mais estimulava e alimentava o ambiente. A ocorrência do abalo não é apresentada como uma estória que circulava entre os helenos, mas como algo realmente acontecido e considerado inédito de acordo com a memória dos mesmos. A memória coletiva não recebe aqui, também, nenhuma observação de descrédito – é ela que confere singularidade ao fenômeno natural mencionado, que o torna adequado a um conflito caracterizado pela excepcionalidade, tanto no plano humano, quanto no plano natural. Por outro lado, o contraste com Heródoto é evidente: este último escreveu que, para ele, o terremoto de Delos fora um sinal do que se aproximava; Tucídides apenas menciona a interpretação análoga de seus contemporâneos para um mesmo fato. Na opinião de Francis Cornford, Tucídides teria mostrado seu “usual bom senso”. Como não tinha uma sequência suficiente de abalos para inferir algo sobre o fenômeno, simplesmente registrara, sem implicar

em crença ou descrença da sua parte, a única coisa que era certa: dizia-se e pensava-se que fora um sinal dos eventos futuros (CORNFORD, 1971, p.102.)⁴⁶. Tucídides ainda acrescentara que todo o fato do mesmo gênero (*toioutotropos*), isto é, tudo aquilo que podia ser considerado como um sinal (*semeion*), era investigado. É usado o verbo *symbainein* que, novamente, pode ser entendido tanto como um *simples ocorrer*, quanto um acontecer movido pelo acaso: a investigação deveria estabelecer se tal coincidência era realmente fortuita ou *significativa*. Assim, Marinatos conclui que, nestes momentos, Tucídides estava explorando as crenças de seu tempo para conferir importância superlativa a sua obra (1981, p.24).

Adam Parry, por sua vez, é mais incisivo. Para ele, Tucídides não sugeriu, mas estabeleceu a inter-relação entre fatos humanos e fenômenos naturais (1988, p.114-120). A correspondência seria explicitamente introduzida pelo uso de verbo específico. Na *História*, os derivados de *bebaios* são sempre empregados para transmitir, ou negar, a ideia de solidez, estabilidade, segurança, certeza, firmeza (PC¹ p.172)⁴⁷. Assim, na passagem em questão ele usa o particípio da voz média (*bebaioumena*) para afirmar que aquilo antes dito, mas *raramente confirmado* (*spanioteron bebaioumena*), não mais era confiável, “tornou-se não incrível” (*ouk apista kateste*). As “forças externas” teriam sido assim feitas, “propositadamente”, acontecimentos da guerra (*erga*): as palavras tinham se tornado realidade (PARRY, 1988, p.116).

Parry ainda observa que em um “lógica fria” alguns dos desastres naturais poderiam ser considerados consequência da guerra, devido à interrupção

⁴⁶ Cornford parece incorrer no mesmo erro que atribuía aos modernos de seu tempo: supõe que a prudência tucidideana quanto ao significado do terremoto de Delos seja decorrente do moderno preceito metodológico que condiciona a possibilidade de serem feitas conclusões ao estabelecimento de uma série factual numericamente suficiente.

⁴⁷ Nos tempos muito antigos, escreveu Tucídides (I.2.1), a região que posteriormente seria chamada de Hélade nunca tivera população “estável” (*bebaios*); tempos depois (I.8.3), graças à ação de Minos, os habitantes do litoral passaram a viver “com maior estabilidade” (*bebaioteron*); e, de todos os personagens de seu tempo, Temístocles fora aquele que, de maneira segura (*bebaios*), mostrara valor natural (I.138. 3).

do comércio, à alteração das condições de vida (PARRY, 1988, p.115). A peste poderia ser parcialmente atribuída ao amontoamento, informado por Tucídides (II.52.1-2), de pessoas por trás dos muros de Atenas⁴⁸. Adam Parry, contudo, não objeta que essa hipótese é enfraquecida pelo fato do próprio autor afirmar sua incapacidade de descobrir a causa do mal que aniquilou os atenienses (II.48.3), e que o acúmulo de pessoas na cidade é apresentado como um *fator adicional* à calamidade que atingia a todos (II.52.1). Poderíamos ainda supor alguma ação humana por trás da seca e da fome, mas não é feita nenhuma menção a isso na *História*. Aliás, Tucídides não menciona sequer um episódio de seca em seu relato, não há, conseqüentemente, nenhuma referência exemplar a fomes causadas por grandes secas. Ou se esqueceu deste detalhe, ou talvez estivesse apenas seguindo uma convenção do princípio axiológico que o unia a Homero e a Hesíodo. Já terremotos e eclipses não podem ser, obviamente, relacionados a alguma causa humana. “Obviamente” segundo uma concepção separativa de mundo, pois em uma cosmologia interligada a relação seria e é evidente. E o caráter de portento destas ocorrências é ainda sugerido pela menção dos eclipses solares. Estes só poderiam causar sofrimento e aflição - só poderiam ser incluídos na categoria de *pathemata* - para aqueles que vissem em tais ocorrências sinais dos céus. É sintomático que Tucídides mencione especialmente os eclipses solares e silencie sobre os lunares. Sabe-se que os primeiros, apesar de mais frequentes, são de difícil visualização pelo homem, resultando assim mais raro (LLOYD, 1970, p.29). Além disso, o desaparecimento do sol sempre causou temores para aqueles que o consideravam uma divindade. Assim, a menção à maior frequência dos eclipses solares durante a guerra assume seu sentido de portento significativo, ao mesmo

⁴⁸ Gomme (AWG² ad II.48.3) comenta que Diodoro Sículo (XII. 45.2; 58.3-5), provavelmente baseado em Éforo, listou uma série de causas imediatas da peste: o amontoamento de pessoas, o inverno muito úmido (que teria deixado muita água parada até o verão, deficiência alimentar devido à quebra de safras, e a falta naquele verão dos usuais ventos frios etésios.

tempo que confirma o caráter prodigioso dos demais fenômenos qualificados pela sua inédita frequência e violência.

Em parte, A. Parry considera a afirmação da interconexão por Tucídides como um expediente dramático que hoje é comum à literatura e à poesia, mas não à história (1988, p.116). A estrutura analítica da *História* não excluiria uma força dramática e poética necessária para captar a dimensão grandiosa do acontecimento registrado. A força dramática e poética de uma conjunção de sofrimentos causados pelo homem e pela natureza transmitiria ao leitor o real significado da *kinesis* que fora a guerra. Recurso dramático e poético então, mas por outro lado prova da inteligência do historiador ateniense: um evento de dimensão terrífica como fora aquele *polemos* não podia ser reduzido a um relato puramente lógico ou materialista (1988, p.119). Apesar de não insistir em uma explicação religiosa e moral da guerra, Tucídides não a teria desdenhado, teria sido cauteloso o suficiente para não descartar o que outros racionalistas de seu tempo provavelmente teriam eliminado de suas mentes (PARRY, 1988, p.118).

Interpretação semelhante já fizera F. M. Cornford em seu *Thucydides Mythistoricus*, onde inicialmente reconhecera a referência aos acontecimentos naturais extraordinários como uma das formas de apresentar a Guerra do Peloponeso como a maior já registrada na história grega (1971, p.102-104). Acrescentara ainda quatro observações que acorreriam a qualquer “leitor sem preconceitos”. Em primeiro lugar, Tucídides não sentira diferença entre fomes e peste de um lado, e eclipses, terremotos, e secas de outro. “Para nós”, observou, seria fácil conectar o primeiro conjunto com o estado de guerra, e absolutamente impossível fazer o mesmo com o segundo. Segundo, ele, Tucídides, não vira razão na “natureza das coisas” para que os acontecimentos dos dois conjuntos não fossem mais frequentes em tempos de guerra, e ele pensara que as evidências confirmavam que elas tinham sido. Terceiro, se ele pensara na existência de algum tipo de conexão causal entre guerra e, por exemplo, secas, ele deve ter atribuído

estas últimas a causas de um tipo que não tem lugar na ciência moderna. Por fim, Tucídides mostrara seu “usual bom senso” ao registrar que tais ocorrências aparentemente tinham acontecido “ao mesmo tempo” que a guerra, sem comprometer-se com a afirmação de que ocorrera algum tipo específico de conexão. Em suma, acrescenta Cornford, Tucídides mostrara, ao mesmo tempo, um espírito completamente científico e uma completa destituição de uma visão científica da natureza. Isto é, ele se mostrara “superior” ao homem que sacrificava a Hefesto ou rezava à chuva, mas não era tão “avançado” quanto um camponês do início do século XX, que não via uma conexão entre sua visão de quatro corvos⁴⁹ e o fato de alguém ter tido um filho. Tucídides não adorara as inescrutáveis forças responsáveis pela convulsão da natureza, porém não pudera descartar a hipótese de que tais forças pudessem existir e que pudessem “adquirir poder” para produzir convulsões coincidentemente com a guerra. Porém, não sendo um místico e sendo agnóstico, o historiador ateniense teria considerado, pondera Cornford, imprudente a crença corrente de que “espíritos maléficos” eram responsáveis por tais “eclosões”.

Por conseguinte, se a ideia de interconexão é sugerida ou afirmada quando do reconhecimento da autoridade das estórias sobre as alterações da natureza, ela é apenas sugestão pela afirmação da simultaneidade das duas cadeias de acontecimentos: “Tudo isso, de fato, caiu sobre os gregos com esta guerra” (I 23.3). Há três elementos que transmitem a ideia de simultaneidade - *meta toude* (com esta [guerra]), *hama* (ao mesmo tempo) e o próprio verbo *xunepitithesthai*. Em seu léxico, E. A. Bétant (1969, p.206) dá como sentido para este último *simul adoriri*: atacar (subitamente), cair sobre alguém (desgraças) simultaneamente. Na *História* esse verbo é empregado outras quatro vezes. No discurso plateu posterior à rendição de sua cidade aos lacedemônios é dito que os plateus tinham sido os únicos beócios a atacarem o bárbaro com os outros gregos (III.54.3); Nícias,

⁴⁹ Cornford se refere a *magpies*, pássaros da família dos corvos com caudas compridas e plumagem preta e branca.

buscando advertir os atenienses do perigo do ataque à Sicília, observa em seu discurso que os inimigos da cidade atacariam todos ao verem Atenas enfraquecida (VI.10.4); Alcibíades, no discurso em que responde a Nícias, diz que numerosos bárbaros se juntariam aos atenienses no ataque à Sicília por ódio aos siracusanos (VI.17.6); por fim, é usado verbo denotando que os atenienses que se juntariam ao ataque planejado por Harmódio e Aristogíton contra Hípias (VI.56.2). Portanto, na passagem dos *pathemata* podemos identificar os seguintes aspectos dramáticos: a ideia de inesperado ataque belicoso dos desastres naturais que caíram sobre os homens e causaram sofrimentos incomparáveis com quaisquer outros anteriormente sofridos (I.23.1); a imprecisa noção de simultaneidade destes fatos com a guerra.

Entretanto, a noção de *simultaneidade* deixa imprecisa a de conexão causal dos fatos porque não afirma *claramente* sua inter-relação. E a clareza (*to saphes*) da *História* acabara de ser apresentada como fator que a distinguia tanto das obras dos poetas, quanto dos trabalhos dos logógrafos, que sacrificavam a verdade do fato narrado ao maravilhoso desejado pelas audiências (I.21)⁵⁰. De uma forma geral, a clareza corresponde ao desejo do pensamento racional ser direto, claro e preciso, por oposição ao mito qualificado como indireto, obscuro e ambíguo (KNOX, 1971, p.133). Não obstante isso, Tucídides apenas escreveu que houvera uma coincidência temporal de sofrimentos causados pelo homem e pelos fenômenos da natureza. Mas tal coincidência também é razão da magnitude da guerra narrada. Pode-se pensar, pois, que é sugerido, de forma imprecisa, a existência de algum elo entre ambos, o que era algo indiscutível exatamente para a tradição que via as esferas humana e natural como regidas pelo mesmo princípio de moral e justiça. Segundo ela, um desastre de tal monta como a guerra entre atenienses e peloponésios não podia deixar de implicar em um desequilíbrio da natureza.

⁵⁰ Ver PIRES, 1999, p. 152-155.

A posição de Tucídides é, por conseguinte, ambígua⁵¹. Ele silencia sobre o verdadeiro caráter dos acontecimentos, e o silêncio é, por omissão, impreciso e prolixo (ROSSET, 1989, p.26). O leitor podia, e ainda pode, fazer duas interpretações - ou foram dois conjuntos de desastres independentes, curiosamente coincidentes, ou apenas um imenso sofrimento, causado por uma realidade una, em desequilíbrio⁵². De uma forma ou de outra, os desastres naturais são assim marcados como prova da magnitude da guerra. Esta por casualidade de caráter fortuito, ou não, provocara uma convulsão, *kínesis*, de toda a realidade, medida pelos desastres incomparáveis que ocorreram durante seu desenrolar. E, dada a posição ambígua original de Tucídides, em muitos momentos a dúvida pode pairar na mente do leitor sobre o seu real significado na *História*. Conforme o pensamento de alguns autores, essa ambígua visão dos desastres da guerra poderia ser vista como evidência de uma certa insegurança de Tucídides em relação ao caráter da história. Robert Lenoble argumenta que, naquela época, o homem ainda não adquirira consciência de si suficiente para enfrentar uma realidade ainda vista como carregada de *mana* (1969, p.59,60). A consolidação da interioridade psicológica teria sido obtida quase que às custas do interesse pelo mundo externo: praticamente inexistente uma interpretação do mundo físico na filosofia de Sócrates, a qual marcaria o início da descoberta do "eu interior" (LENOBLE, 1969, p.59)⁵³. Como vimos, Tucídides também não se interessou pela especulação física e metafísica; poder-se-ia supor que ele a tenha ignorado por temê-la como ameaçadora à autonomia que propunha para a existência humana. É com esse sentido que C. Farrar observa terem Demócrito e Tucídides visto na ordem cósmica uma ameaça (1990, p.262). Demócrito, que procurara igualmente

⁵¹ "Problemática" (MARINATOS, 1981, p.29, nota 17).

⁵² Assim também entende Marinatos (1981, p.22-23).

⁵³ Em *A vida do espírito*, Hannah Arendt estuda a descoberta desse "homem interior" tendo como ponto de partida a noção aristotélica de *proairesis*. Ela considera a obra de Santo Agostinho, o qual classifica como o "primeiro filósofo da vontade", como reveladora da consolidação da interioridade psicológica. (1992, p.227-267).

afirmar a liberdade do homem, bem como a possibilidade de conciliar esta liberdade com a ordem política, considerara o mundo externo como imprevisível e incompreensível, apesar de não mais concebê-lo como coercitivo (1990, p.240). Por outro lado, Tucídides pode ter considerado que à história escapava este domínio do desconhecido, e talvez ele tenha simplesmente usado da ambiguidade para conferir autoridade ao seu relato.

Seja como for, a ambiguidade presente na passagem dos desastres da guerra podia, e pode, originar interpretações diversas da história por parte do leitor. É o caso da narrativa da peste, que confirma o que foi aqui comentado, acrescentando outros elementos interessantes para a compreensão da ideia de natureza na *História*.

FONTES

HERODOTUS. *The Histories*. Vol III. 3 ed. London: Heinemann, 1950(1922).
Tradução de A.D. Goodley.

HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 1992. Tradução e estudo de Jaa
Torrano.

_____. *Os trabalhos e os dias*. São Paulo: Iluminuras, 1990. Tradução e estudo de
Mary de Camargo Neves Lafer.

HOMERO. *Ilíada*. Rio de Janeiro: EDIOURO, [197-]. Tradução de Carlos Alberto
Nunes.

_____. *Odisseia*. São Paulo: Cosac Naif, 2014. Tradução e introdução de Christian
Werner.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso. Livro I*. São Paulo: Martins Fontes,
1999. Tradução e apresentação de Anna Lia Amaral de Almeida Prado.

BIBLIOGRAFIA

ARENDT, H. *A vida do espírito. O pensar. O querer. O julgar*. Volume I. Rio de Janeiro:
Relume Dumará, 1992.

BÉTANT, E.-A. *Lexicon Thucydideum*. Hildesheim, New York: Georg Olms Verlag,
1969. Vol. 1.

COCHRANE, Charles Noris. *Thucydides and the science of history*, London: Oxford
UP, 1929.

CORNFORD, Francis M. *Thucydides Mythistoricus*. Philadelphia: University of
Pennsylvania, 1971 (1907).

DETIENNE, Marcel. Mitos. Epistemologia dos mitos. In: FESTUGIÈRE, André J. et al.
Grécia e mito. Lisboa: Gradiva, 1988, p. 41-60.

EDMUNDS, Lowel. Thucydides' ethics as reflected in the description of stasis (3.82-
83). *Harvard studies in Classical Philology*, Cambridge 79, p. 73-92, 1975.

- FARRAR, Cynthia. *The origins of democratic thinking. The invention of politics in classical Athens*. 2. ed. Cambridge: Cambridge UP, 1990(1988).
- GOMME, A.W. *Essays in Greek Literature*. Oxford: Oxford UP, 1937.
- HARTOG, François. *O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999 (1980).
- HORNBLOWER, S. *Thucydides*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1987.
- JAMES, William. *On Some Mental Effects of the Earthquake*. Disponível em: http://grammar.about.com/od/classicessays/a/WJamesEarthquake_2.htm. Acesso em 02 jan. 2015.
- KNOX, Bernard M. W. *Oedipus at Thebes*. New York: Norton Library, 1971(1957).
- LEE, Christine; MORLEY, Neville Morley(eds). *A Handbook to the Reception of Thucydides*. Malden, Oxford: Wiley, Blackwell, 2015.
- LESKY, Albin. *História da literatura grega*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995 (1971).
- LLOYD, G.E.R. *Early greek science*. New York, London: Norton, 1970.
- MARINATOS, Nanno. *Thucydides and religion*. Königstein: Hain, 1981.
- MARSHALL, Francisco. *Saber verdade e poder na tragédia Édipo Tirano de Sófocles*. São Paulo, 1996. Tese (Doutoramento em História), Curso de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- _____. *Magic, reason and experience*. Cambridge: Cambridge UP, 1978.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Historiografia griega*. Barcelona: Crítica, 1984.
- OUDEMANS, Th. C. W.; LARDINOIS, A P M H. *Tragic ambiguity. Anthropology philosophy and Sophocle's Antigone*. Leiden: E.J. Brill, 1987.
- PARRY, Adam Milmam. *Logon and ergon in Thucydides*. Salem: Ayer Company Publishers, 1988.
- _____. *The language of Achilles and other papers*. New York: Oxford UP, 1989.
- PIRES, Francisco Murari. *Mithistória*. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP, 1999.

ROSSET, Clément. *A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989 (1973).

SCHWARTZ, E. *Das Geschichtswerk des Thukydides*. Bonn: [s.n.], 1919.

SHRIMPTON, Gordon. Accuracy in Thucydides. *The Ancient History Bulletin*, 12,3, p. 71-82, 1998. Disponível em <http://ancienthistorybulletin.org/downloads/gordon-shrimpton-accuracy-in-thucydides-volume-12-pg-71-82>. Acesso em 01 mar 2015.

SUTTON, David. *Memories cast in stone. The relevance of the past in everyday life*. Oxford: Berg, 1998.

TORRANO, Jaa. *O sentido de Zeus. O mito do mundo e o modo mítico de ser no mundo*. São Paulo: Iluminuras, 1996.

VARGAS, Anderson. *Ambiguidade e barbárie. A natureza nos relatos de desordem na Guerra dos Peloponésios e Atenienses*. São Paulo, 2001. Tese (Doutoramento em História), Curso de Pós-Graduação em História, Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

WESTLAKE, H.D. *Individuals in Thucydides*. Cambridge: Cambridge UP, 1968.

_____. *LEGETAI* in Thucydides. *Mnemosyne*, Leiden, XXX, 4, p. 345-362, 1977.

ABREVIATURAS

AB - BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

AWG¹ - GOMME, A. W. *A historical commentary on Thucydides*. Vol. I. Oxford: Clarendon, 1945.

AWG² - GOMME, A. W. *A historical commentary on Thucydides*. The ten years' war. Vol. II. Oxford: Clarendon, 1956.

CM - MORRIS, Charles. *Commentary on Thucydides Book 1*. Boston: Ginn and Company, 1891. Disponível em [//www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3atext%3a1999.04.0097&query=head%3d%232](http://www.perseus.tufts.edu/cgi-bin/ptext?doc=Perseus%3atext%3a1999.04.0097&query=head%3d%232). Acesso em 5 abr. 2008.

JSR - RUSTEN, Jeffrey S. *THUCYDIDES. The Peloponnesian War. Book II.* 3 ed. Cambridge: Cambridge UP, 1993 (1989).

LSJ - LIDDLE, Henry G. & SCOTT, Robert. *Greek-English Lexicon.* Revisado e aumentado por JONES, H.S. & MACKENZIE, R. Oxford: Clarendon, 1992.

PC¹ - CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la lanngue grecque. Histoire des mots.* Paris: Klincksieck, 1990 (1968). Volume 1.

PC² - CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la lanngue grecque. Histoire des mots.* Volume 2. Paris: Klincksieck, 1990 (1968).

PJR¹ - RODHES, Peter John. *THUCYDIDES. The Peloponnesian War. Book II.* Warminster: Aris e Phillips, 1988.

SH¹ - HORNBLOWER, Simon. *A commentary on Thucydides.* Volume I. 2 ed. Oxford: Clarendon, 1991 (1992).